
Multiculturalismo, gênero e etnografia: trajetória e contribuições fundamentais de Jean Elizabeth Jackson para a antropologia sul-americana

Multiculturalism, gender and ethnography: Jean Elizabeth Jackson's trajectory and main contributions to South American anthropology

Multiculturalisme, genre et ethnographie : la trajectoire de Jean Elizabeth Jackson et ses apports fondamentaux à l'anthropologie sud-américaine

Patience L. Epps, Danilo Paiva Ramos e Flora Cabalzar



Edição eletrônica

URL: <https://journals.openedition.org/jsa/21798>

DOI: 10.4000/jsa.21798

ISSN: 1957-7842

Editora

Société des américanistes

Edição impressa

Data de publicação: 20 de julho de 2023

Paginação: 217-238

ISSN: 0037-9174

Refêrencia eletrônica

Patience L. Epps, Danilo Paiva Ramos et Flora Cabalzar, « Multiculturalismo, gênero e etnografia: trajetória e contribuições fundamentais de Jean Elizabeth Jackson para a antropologia sul-americana », *Journal de la Société des américanistes* [En ligne], 109-1 | 2023, mis en ligne le 24 juillet 2023, consulté le 02 octobre 2023. URL : <http://journals.openedition.org/jsa/21798> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/jsa.21798>



Le texte seul est utilisable sous licence CC-BY-SA-4.0. Les autres éléments (illustrations, fichiers annexes importés) sont « Tous droits réservés », sauf mention contraire.

Multiculturalismo, gênero e etnografia: trajetória e contribuições fundamentais de Jean Elizabeth Jackson para a antropologia sul-americana

Patience L. EPPS, Danilo Paiva RAMOS
e Flora CABALZAR *

O presente trabalho busca apresentar a trajetória e as principais contribuições de Jean E. Jackson para a antropologia sul-americana no âmbito do dossiê “Femmes pionnières de l’anthropologie sud-américaniste”. Retoma-se o caráter pioneiro de seu trabalho etnográfico com povos indígenas do Uaupés colombiano, e o modo como a perspectiva etnográfica da autora interliga suas outras linhas de pesquisa com identidade, movimentos indígenas e pacientes de um centro de tratamento de dor crônica. Por fim, enfatiza-se a relevância da temática das relações de gênero que estabelece uma linha transversal ao longo da trajetória da pesquisa de Jackson. A temática de gênero constitui-se tanto como tema de atenção em sua pesquisa quanto como um ponto de articulação em sua própria abordagem como etnógrafa. [Palavras-chave: Jean Jackson, Bará, Tukano, multiculturalismo, estudos de gênero, antropólogas.]

Multiculturalism, gender and ethnography: Jean Elizabeth Jackson’s trajectory and main contributions to South American anthropology. This paper presents the trajectory of Jean E. Jackson’s principal contributions to South American anthropology within the scope of the dossier “Femmes pionnières de l’anthropologie sud-américaniste.” While we focus on her pioneering ethnographic work with the Indigenous peoples of the Colombian Vaupés, we also consider how her ethnographic perspective connects to her other lines of research on identity, indigenous movements and chronic pain patients. Our discussion draws on Jackson’s many publications and on our conversations with her in the context of several interviews. Finally, we emphasize the relevance of gender as a consistent thread throughout Jackson’s research trajectory—both as a topic of attention in her research, and as a pivot point in her own positioning as a female ethnographer. [Keywords: Jean Jackson, Bará, Tukano, multiculturalism, gender studies, women in anthropology.]

* Patience L. EPPS: Professora de Linguística, Universidade do Texas em Austin [pattieepps@austin.utexas.edu]; Danilo Paiva RAMOS: Professor em Antropologia Social, Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG); Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS-UFSCar) [danilo.ramos@unifal-mg.edu.br]; Flora CABALZAR: Antropóloga, Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (IEPÉ) [flora.cabalzar@gmail.com].

Multiculturalisme, genre et ethnographie : la trajectoire de Jean Elizabeth Jackson et ses apports fondamentaux à l'anthropologie sud-américaine. Cet article présente la trajectoire et les principales contributions de Jean E. Jackson à l'anthropologie sud-américaine dans le cadre du dossier « Femmes pionnières de l'anthropologie sud-américaniste ». Il souligne le caractère pionnier de son travail ethnographique chez les peuples indigènes du Vaupés colombien ainsi que la manière dont la perspective ethnographique de l'auteure relie ses autres thèmes de recherche que sont l'identité, les mouvements indigènes et les patients dans un centre de traitement de la douleur chronique. Enfin, la question des relations de genre apparaît comme une ligne transversale tout au long de la trajectoire de recherche de Jackson. Le thème du genre constitue à la fois un objet de recherches et un point d'articulation dans sa propre démarche d'ethnologue. [Mots-clés : Jean Jackson, Bará, Tukano, multiculturalisme, études de genre, femmes anthropologues.]



Fig. 1 – Jean E. Jackson
(foto Jon Sachs [<https://jonsachsphotographer.com/>], 2012)

Este texto celebra o trabalho de Jean E. Jackson, antropóloga e etnógrafa pioneira que dedicou a maior parte de sua carreira de cinquenta anos aos povos indígenas da Colômbia. Sua pesquisa, representada por um extenso conjunto de publicações desde o início da década de 1970 até o presente, trata de temas como identidade, linguagem, estigma e desigualdade social, manifestados em diversos contextos. O trabalho etnográfico inicial de Jackson fez contribuições inovadoras para o estudo dos povos indígenas habitantes do Uaupés colombiano, com foco nos Bará, um grupo de língua tukano oriental na área do rio Papuri, e na prática tukano de exogamia linguística (casamento obrigatório entre grupos linguísticos diferentes, associado à patrilinearidade clânica). A exploração das relações entre gênero, linguagem e estrutura social nessa sociedade altamente multilíngue lançou as bases para muitos trabalhos posteriores sobre a língua e a cultura no Uaupés, e tem sido altamente influente no estudo do multilinguismo de pequena escala de forma mais geral.

O trabalho de Jackson com os Bará foi seguido por sua longa e profunda investigação das experiências indígenas no contexto de rápida mudança cultural na Colômbia. Ela buscou entender como os Tukano e outros grupos indígenas nesse país se adaptavam às mudanças de concepções de indigeneidade em sua relação com a sociedade nacional. Além disso, buscou entender como essas transições se relacionam com processos e práticas associados à identidade, ao multiculturalismo e ao neoliberalismo. Finalmente, uma terceira dimensão importante de pesquisa, que divergiu e também se entrelaçou com seus trabalhos sobre os povos indígenas na Colômbia, é composta por seus estudos em antropologia médica e antropologia da dor, incluindo sua reflexão sobre a antropologia da dor crônica. Jackson refletiu sobre as experiências de pessoas que sofrem com dor crônica e sobre como elas encontram maneiras de lidar, racionalizar e comunicar essas experiências.

Neste trabalho, exploramos as contribuições de Jean Jackson em sua fértil carreira de pesquisa, durante a qual produziu vários livros e dezenas de ensaios. Enquanto nos concentramos em seu trabalho pioneiro com povos indígenas colombianos, também consideramos como esse trabalho se conecta com suas outras linhas de pesquisa e como suas explorações desses temas moldaram contribuições significativas para a metodologia etnográfica. Por fim, enfatizamos a relevância da temática das relações de gênero como um fio condutor consistente ao longo da trajetória de pesquisa de Jackson – tanto como tema de atenção em sua pesquisa quanto como ponto de articulação em sua própria abordagem como etnógrafa. Nossa discussão se baseia nas muitas publicações de Jackson e em nossas conversas com ela no contexto de entrevistas realizadas em 3 e 17 de fevereiro de 2022 de modo remoto.

Trajtória

Jean Jackson nasceu perto de Chicago, em 1943, e passou parte de sua infância no sul dos Estados Unidos. Ela estudou antropologia no Wellesley College (BA 1965) e realizou trabalho de pós-graduação em antropologia na Universidade de Stanford, onde recebeu seus títulos de mestrado (1966) e doutorado (1972). Ingressou na carreira docente como Professora Assistente de Antropologia no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) logo após seus estudos de doutorado, e permaneceu como docente no MIT até sua aposentadoria em 2014.

Jackson começou a fazer pesquisa etnográfica em dois períodos breves de trabalho de campo com comunidades rurais no México e na Guatemala, realizados nos verões de 1965 e 1966. De seu interesse pela América Latina e pela antropologia médica resultou sua dissertação de mestrado, uma pesquisa bibliográfica sobre a doença *pinta*, doença sistêmica que produz descoloração da pele, encontrada em regiões tropicais das Américas. Em sua pesquisa, Jackson enfocou particularmente a associação desta doença com o estigma social. O tema do estigma continuou a ser importante no trabalho de Jackson durante grande parte de sua carreira.

Em seu doutorado, Jackson decidiu continuar trabalhando na América Latina. No entanto, à luz de suas experiências anteriores com comunidades camponesas, ela optou por focar comunidades que haviam tido um envolvimento menos intenso com o domínio colonial e que, portanto, poderiam estar mais abertas a compartilhar suas experiências e perspectivas culturais. Isto a direcionou para as terras baixas da América do Sul.

Embora Jackson tenha inicialmente considerado trabalhar no noroeste amazônico do Brasil, a situação política na época criava barreiras significativas para os estrangeiros. Ela mencionou duas conversas telefônicas com David Maybury Lewis e Jean Lave em 1968, que lhe disseram: “Faça qualquer coisa, menos ir ao Brasil! Você perderá tempo em Manaus ou em qualquer outro lugar”, esperando indefinidamente por autorização para viajar para o noroeste da Amazônia. Segundo ela, “no último minuto eu liguei para alguém que tinha trabalhado na Venezuela, Equador, Peru, Colômbia... [Então] Alicia Reichel-Dolmatoff escreveu de volta uma carta maravilhosa, dizendo ‘Por favor, venha!’ . Então me senti muito bem vinda. Li um pouco sobre antropologia na Colômbia, peguei um avião e cheguei lá” (Entrevista, 3 de fevereiro de 2022).

A chegada de Jackson à Colômbia foi um dos passos relativamente não planejados que, no final, a levaram aos Bará. Embora estivesse nesse momento planejando trabalhar com os Tikuna, por sugestão de Gerardo Reichel-Dolmatoff, ela se voltou para a região colombiana do Uaupés, onde já trabalhavam vários antropólogos, como: Irving Goldman, Stephen e Christine Hugh-Jones, Peter Silverwood-Cope, Patrice Bidou, Pierre-Yves Jacopin, dentre outros, muitos dos

quais se tornaram nomes conhecidos da antropologia sul-americana. Uma vez no Uaupés, ela pensou inicialmente em trabalhar em uma aldeia a cinco horas da comunidade missionária católica de Montfort no rio Papuri, mas novamente mudou seu caminho depois de avaliar o grau de intervenção cultural missionária que ali estava presente. De 1968 a 1970, Jackson realizou o trabalho de campo para sua tese em uma comunidade Bará do igarapé Inambú, afluente do rio Papuri (a cerca de seis dias ou mais de viagem a partir da cidade de Mitú). Nessa comunidade, cerca de cinco famílias ainda moravam em uma maloca e, como na maioria dos grupos falantes de línguas da família linguística tukano oriental, a prática da exogamia linguística significava que todas as mulheres casadas da comunidade vinham de grupos linguísticos diferentes. Assim, muitas das interlocutoras de pesquisa de Jackson não eram Bará, nem tinham o bará como sua primeira língua.

Desse modo, a composição desta comunidade fez com que mais uma vez Jackson tivesse de mudar seus planos de pesquisa. Sua proposta original de pesquisa para a tese era em antropologia médica, seguindo a trajetória que ela já havia estabelecido. Tinha como referência também a perspectiva da antropologia cognitiva que, naquele momento, enfatizava a linguagem como caminho de acesso às categorias e às taxonomias de conhecimento culturalmente relevantes. Entretanto, segundo Jackson, ao ir trabalhar em uma comunidade tukano no Uaupés, “encontrei-me em uma situação com 100% de multilinguismo, com uma proposta que dizia ‘o que você descobrir linguisticamente permitirá que você saiba, até certo ponto, como as pessoas pensam, como elas estruturam seu mundo e assim por diante’” (Entrevista, 3 de fevereiro de 2022). Para realizar um tal projeto com base linguística, Jackson percebeu que teria que aprender três ou quatro idiomas – principalmente porque passaria a maior parte do tempo com mulheres, que falavam regularmente línguas diferentes em suas rotinas diárias. Para um projeto de tese de curto prazo, evidentemente, esta perspectiva parecia impossível. “Então abandonei minha proposta original e passei a estudar aquilo que parecia aparentemente não me interessar, ou seja, parentesco e estrutura social... Acabei me interessando pelo assunto, claro, porque se você está com pessoas para as quais o parentesco é extremamente importante, você começa a se aproximar dos sentimentos delas.” Como ela relata no artigo “On trying to be an Amazon”, ela concentrou sua pesquisa no “complexo sistema de casamento dos Bará-Tukano, que envolve mais de dezesseis unidades de descendência patrilinear exogâmicas, cada uma afiliada a uma linguagem diferente” (Jackson 1986, p. 267). Essa decisão foi em parte motivada por suas próprias experiências de crescer como mulher nos Estados Unidos, em particular, pelas “opiniões e sentimentos que eu tinha sobre o casamento, os papéis de marido e esposa na sociedade americana e, em geral, o papel das mulheres na cultura ocidental”, e como isso contrastava com o que ela observava na cultura tukano, apesar de “na época eu não ter

consciência dos efeitos dessas preocupações na minha decisão” (ibid.). Esse trabalho resultou em sua tese de doutorado, “Marriage and linguistic identity among the Bará Indians of the Vaupés, Colombia”, numerosos artigos e sua monografia *The Fish People. Linguistic Exogamy and Tukanoan Identity in Northwest Amazonia* (Jackson 1983a) – que desde então se tornou um estudo clássico sobre a prática da exogamia linguística e sobre a relação entre estrutura social, identidade e linguagem no contexto do noroeste da Amazônia.

Como fica evidente na trajetória inicial de Jackson, uma característica notável da sua competência como pesquisadora foi sua capacidade de delinear o caminho de seu trabalho de acordo com as oportunidades que apareceram e com as questões de pesquisa que surgiram ao longo de seu percurso. De fato, Jackson observa que tal flexibilidade dos planos de trabalho de campo não era tão incomum para etnógrafos de sua geração: “Muitas vezes as pessoas tinham que sair de suas zonas de conforto, as coisas tinham que mudar. Você tinha que se adaptar. E às vezes você improvisava à medida que avançava”. Então, como agora, “fazer antropologia muitas vezes envolve a capacidade de aproveitar todas as suas habilidades, não apenas suas habilidades acadêmicas e de interação, mas sua habilidade de ler a configuração da região e descobrir a política local e assim por diante” (Entrevista, 17 de fevereiro de 2022).

Da mesma forma, grande parte do trabalho de campo de Jackson foi relativamente autodirigido, o que também se aplica à redação de sua tese e às suas pesquisas subsequentes. Não havia outros sul-americanistas em Stanford durante seu tempo de estudante e, enquanto ela estava no Uaupés, teve pouco contato com as pesquisas de outros antropólogos que estavam fazendo trabalho de campo na região. Como ela explica, “nunca nos víamos no campo porque as distâncias e o transporte eram difíceis. Nós nos encontramos em Bogotá e passamos algum tempo juntos, mas eles tinham interesses de pesquisa muito diferentes dos meus... Foi somente depois que terminei o trabalho de campo que as interações intelectuais acadêmicas aconteceram, tais como a troca de trabalhos e o encontro dos Americanistas em Paris em 1976” (Entrevista, 3 de fevereiro de 2022). O mesmo aconteceu ao longo da carreira de Jackson no MIT. Sendo uma universidade focada na formação de cientistas tecnólogos e engenheiros, o MIT direcionava suas disciplinas principalmente para cursos de antropologia geral voltados para estudantes de graduação. Ainda assim, ela pôde desenvolver cursos relacionados a certos temas amplos de interesse específico para sua pesquisa, incluindo gênero e questões de identidade étnica e nacional.

De fato, Jackson construiu uma rica rede de interações com uma ampla comunidade de antropólogos que trabalhava nas terras baixas da América do Sul. Ela foi um dos membros fundadores de uma rede acadêmica ativa que acabou se tornando o que é hoje a Sociedade Internacional para a Antropologia das Terras Baixas da América do Sul (SALSA). Jackson participou das fases

iniciais da SALSA, que se deram através de uma série de conferências de verão organizadas por Ken Kensinger no Bennington College (Vermont). Por sua vez, essas conferências se desenvolverem a partir de reuniões informais por parte de um grupo de acadêmicos da Universidade de Columbia. Na época, o levantamento bibliográfico realizado por Jackson (1975) da literatura contemporânea sobre as terras baixas da América do Sul foi marcante e desenvolveu-se a partir dessas iniciativas, tendo também contribuído de modo relevante para com elas. Depois que Kensinger se aposentou no final da década de 1990, a sociedade foi novamente reestruturada, adotando sua forma atual; continuou então desenvolvendo-se a partir de um grupo relativamente pequeno com base nos EUA, até tornar-se uma comunidade internacional próspera. Jackson comenta: “Acho que a SALSA é realmente uma história de sucesso... É uma organização voluntária de pessoas com interesses semelhantes que querem conversar umas com as outras e que podem se ajudar mutuamente”. Além de sua conferência a cada dois anos (inicialmente a cada ano e meio) e de sua revista acadêmica *Tipiti*, Jackson ressalta a importante contribuição feita pelo *listserv* SALSA, “onde as pessoas introduzem questões que são urgentes e sérias, ou coisas que estão acontecendo agora. Os links são compartilhados e as discussões acontecem” (Entrevista, 17 de fevereiro de 2022).

Após o trabalho de campo para a tese de Jackson, no entanto, a situação na Colômbia tornou-se rapidamente mais complexa. As FARC (Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia) fortaleceram-se nas regiões andinas e o “boom da coca” começou, espalhando-se e entrando no Uaupés no início dos anos 1980. A violência e a atividade criminosa tornaram-se cada vez mais comuns em toda a região. O acesso de antropólogos não colombianos à região passou a ser oficialmente restrito. As políticas governamentais instituídas em meados da década de 1970 exigiam que 30% dos recursos de pesquisa de cada projeto fossem destinados ao Instituto Colombiano de Antropologia. Quando Jackson tentou retornar à região para dar continuidade às pesquisas, foi informada de que ela deveria fornecer cerca de US \$10.000 às autoridades pela autorização para prosseguir. Na verdade, eles já haviam planejado que o dinheiro seria gasto na compra de um avião para ser usado na região de Sierra Nevada de Santa Marta. Mais tarde, ela descobriu que alguns de seus colegas mais jovens na antropologia se referiam a ela como “La señora de la avioneta”. Essa política foi encerrada em meados da década de 1980, e Jackson retornou à Colômbia em 1985 e à região de Uaupés em 1987. A essa altura, no entanto, a comunidade Bará da maloca onde ela havia realizado seu trabalho etnográfico anterior havia sido desfeita, e seus antigos habitantes estavam dispersos entre comunidades da região e Mitú, capital do departamento do Uaupés. Jackson começou a desenvolver então o que seria a segunda fase importante de sua trajetória como pesquisadora, enfocando a política do movimento indígena nacional e os processos de transição cultural.

Desde que pôde retomar sua pesquisa no país, e nas duas décadas seguintes, Jackson retornou periodicamente a cada dois anos. Inicialmente, ela pôde realizar seu trabalho de campo em Mitú e em outras localidades do Uaupés, concentrando grande parte do seu trabalho durante esse período no Consejo Regional Indígena del Vaupés (CRIVA). Essa organização indígena formou-se em 1973 por meio da intervenção de missionários católicos, com os objetivos tanto de ajudar os Tukano na defesa de seus direitos e terras quanto de combater as incursões de missionários protestantes, particularmente do Instituto Linguístico de Verão (Summer Institute of Linguistics, SIL) / Wycliffe Bible Translators (WBT) e da Missão Novas Tribos (New Tribes Mission, NTM). Como Jackson expõe em várias publicações desse período, com base em entrevistas realizadas em Mitú e Bogotá, o CRIVA enfrentou muitos desafios e contradições envolvendo particularmente as dissociações entre os modelos de governança e de liderança política mais tradicionais tukano e não indígenas. Esses mesmos desafios já vinham sendo enfrentados pelos Tukano de forma mais geral à medida que se movimentavam enquanto uma sociedade em mudança.

Após 1993, a presença das FARC no Uaupés se intensificou ocorrendo uma violenta incursão em Mitú em 1989 e posteriormente outra em 1998, o que impossibilitou que Jackson trabalhasse lá com segurança. Depois disso ela passou então a realizar seu trabalho de campo em Bogotá e em outras partes da Colômbia. Essa mudança permitiu-lhe expandir sua perspectiva comparativa sobre as experiências indígenas e sobre os movimentos políticos na Colômbia. Nesse contexto, ela investigou questões como ativismo, identidade e jurisdição indígenas; experiências indígenas com o conflito armado; e lutas por direitos, práticas culturais e posicionamento político.

Essas explorações de experiências multiculturais no Uaupés e mais amplamente na Colômbia constituíram material para a produção de reflexões e artigos por cerca de três décadas, além de um volume intitulado *Indigenous Movements, Self-Representation and the State in Latin America / Movimentos indígenas, autorrepresentação e o Estado na América Latina*, coeditado com Kay B. Warren (Warren e Jackson [orgs.] 2002), e finalmente uma monografia que sintetiza muito do trabalho de Jackson em sua longa carreira. Esse volume, *Managing Multiculturalism: Indigeneity and the Struggle for Rights in Colombia* (Jackson 2019), explora o desenvolvimento do movimento indígena colombiano, buscando entender como se dá a adaptação de comunidades e ativistas às mudanças nas condições culturais e políticas ao longo do tempo e seu sucesso em estabelecer uma voz e alcançar o controle de uma parte substancial do território nacional, apesar de séculos de intervenção colonial. Como se vê nos agradecimentos desses trabalhos, a pesquisa de Jackson na Colômbia foi profundamente enriquecida e apoiada por suas amizades contínuas e interações colaborativas com membros das comunidades e das organizações indígenas com as quais ela trabalhou, bem como com acadêmicos colombianos e muitos outros

interlocutores. Sua avaliação crítica dos desafios enfrentados pelas iniciativas políticas indígenas também foi recebida com apreço por muitos outros investigadores comprometidos em beneficiar as comunidades indígenas, suas percepções ofereceram novas maneiras de entender as complexidades que encontram.

Paralelamente ao seu trabalho na Colômbia, Jackson delineou ainda uma terceira grande vertente de investigação etnográfica ao longo dos anos 1980 e 1990, sobre a dor crônica. Ela iniciou esse trabalho com um período de intensa pesquisa de campo (1986-1987) no Commonwealth Pain Center, localizado no estado de Massachusetts, EUA, após uma experiência em que ela própria



Fig. 2 – Jean E. Jackson com os Bará
(foto Fernando Castillo [Tukano], 1969)

esteve lá por um mês como paciente em 1984. Esse trabalho também resultou em vários artigos e em uma monografia: *Camp Pain. Talking with Chronic Pain Patients* (Jackson 2000); ver também o ensaio sobre a antropologia de dor corporal em Jackson (2011). Embora em muitos aspectos o trabalho com a dor seja independente de seu trabalho com os povos indígenas na Colômbia, ele também explora alguns temas mais amplos, especialmente questões de estigma social, autenticidade e autoridade, e a política de identidade, relacionando-se às maneiras pelas quais as pessoas são entendidas como “insiders” (“pertencentes”) e “outsiders” (“estranhas”) em relação aos grupos sociais. Como ela comenta no primeiro capítulo de *Camp Pain*, “pessoas Tukano aculturadas e pacientes com dor crônica são considerados pelos outros como ‘egos mimados’” (Jackson 2000, p. 16).

Etnografia

Como demonstrado na seção anterior, o trabalho etnográfico de Jackson abarca um conjunto comum de temas e preocupações, mesmo abrangendo uma série de tópicos e locais que são, em certo sentido, muito diferentes. Isto inclui um interesse na identidade e na comunidade – seja uma comunidade de pessoas em uma maloca, uma comunidade de ativistas indígenas, ou uma comunidade de pessoas com dor crônica em um centro de tratamento, o que também inclui atenção especial ao estigma e à desigualdade – seja associada à saúde, à transição social, ou a outros fatores.

Em muitos aspectos, o trabalho de campo inicial de Jackson seguiu a prática etnográfica clássica: um estudo abrangente do modo de vida de um povo cujo contexto cultural difere radicalmente daquele familiar ao público “ocidental”, baseado em um longo e intensivo período de observação participante. Jackson passou muitos meses nessa pequena comunidade, que ocupava uma única maloca em uma região distante dos centros urbanos. Lembrando-se de como ela foi acolhida na comunidade, onde passou a maior parte do tempo com as mulheres, ela reflete, “foi muito difícil... os insetos e os fungos nos meus pés; mas tenho lembranças muito, muito boas” – o que contrastava com algumas das interações que ela teve na época com homens colombianos não indígenas, que “diziam coisas terríveis, como ‘você tem que ter um revólver’... Eu queria dizer, ‘sim, para me proteger de caras como você, não dos índios!’” (Entrevista, 17 de fevereiro de 2022).

Jackson também pôde testemunhar em primeira mão a trajetória da mudança cultural, esse processo que, como ela entende, desenvolveu-se na vida das pessoas com as quais ela trabalhou na maloca do Inambú durante sua transição para o Mitú. Quando Jean Jackson voltou a Mitú pela primeira vez em meados da década de 1980, após ter ficado longe por vários anos, ela se deparou com

a desconexão abrupta entre a vida anterior que essas pessoas levavam e sua existência atual em uma cidade de 5.000 habitantes. Ao chegar, procurou o filho do chefe da maloca e localizou sua casa. Ela lembra: “parecia que ninguém estava em casa, e então ouvi The Mamas and the Papas cantando ‘I Call Your Name’ e pensei: ‘o que está acontecendo aqui?’. Eles tinham uma televisão em outro cômodo e estava mostrando estrelas do rock dos Estados Unidos, cantando em inglês. Não conseguia acreditar no que estava vendo” (Entrevista, 3 de fevereiro de 2022).

Experiências como essas encorajaram Jackson a se concentrar profundamente na relação entre mudança cultural e desigualdade na região. Como Jackson observou em seu trabalho de campo inicial, mesmo o contexto tradicional no Uaupés envolvia hierarquias sociais – entre clãs Tukano dentro de cada grupo linguístico, e entre os povos Tukano ribeirinhos e os grupos “Makú” (Naduhup e Kakua), habitantes da floresta. Mas o contexto neocolonial se construiu e se afastou das hierarquias existentes, fomentando enormes desigualdades sociais que afetaram profundamente a vida indígena, especialmente nos centros urbanos. Como observa Jackson, “havia uma base de hierarquia, não um sistema de classes; mas uma hierarquia que teve várias camadas adicionadas a ela com a vinda dos não indígenas. As pessoas [no Uaupés] falam disso o tempo todo”. Ela ficou impressionada com o fato de que, à medida que essas profundas mudanças sociais aconteciam, os indígenas “estavam se transformando em pessoas pobres. Enquanto viviam na floresta, embora precisassem de certas coisas, eram autossuficientes em muitos aspectos” (Entrevista, 3 de fevereiro de 2022). De fato, ela se preocupava com a questão da desigualdade há muito tempo: “A história da escravidão e o racismo que continua [nos Estados Unidos] são algo sobre o que tenho sentimentos muito fortes... Tive minhas próprias experiências quando criança [por ter passado quatro anos no sul dos EUA]... Acho que essas experiências continuaram comigo e explicam alguns dos meus interesses de pesquisa” (Entrevista, 3 de fevereiro de 2022).

Jackson explorou essas questões de desigualdade em grande parte do seu trabalho etnográfico, particularmente entre povos indígenas colombianos, a partir de como as percepções da diferença social e do estigma se desenvolveram e mudaram para os povos indígenas colombianos. Um dos primeiros contextos em que este tema surgiu para ela, e também para outros antropólogos do Uaupés, remete ao impacto cada vez maior da atividade missionária na região, encabeçada em particular pela Igreja Católica. Como ela reflete, “no início, essa foi uma das razões pelas quais eu ficava tão zangada com os missionários – eles simplesmente se consideravam muito superiores, e viam os índios como selvagens e carentes de tutela” (Entrevista, 3 de fevereiro de 2022). Em seu artigo “Traducciones competitivas del evangelio en el Vaupés, Colombia”, Jean Jackson (1984) analisa criticamente essas questões e explora a competição

entre missionários católicos e protestantes. Ressalta que o senso emergente de anomia cultural e a perda de autoestima entre os povos indígenas do Uaupés têm muito a ver com a ruptura de um sentido integrado do mundo através da importação de sistemas alternativos de crenças.

Muitos dos principais artigos de Jackson também abordam a relação complexa entre percepções de hierarquia social, *status* e mudança cultural. Alguns oferecem *insights* críticos sobre por que muitos esforços específicos para promover a indigeneidade no contexto colombiano fracassaram. Dois exemplos notáveis são abordados no Capítulo 3 de sua monografia de 2019, bem como em artigos anteriores. Um deles explora as experiências dos Nukak, um grupo indígena até então isolado que surgiu em uma cidade colombiana em 1988. Para surpresa das autoridades regionais, o grupo Nukak que foi levado de avião para Mitú foi recebido com extrema hostilidade pelos Tukano locais. As autoridades esperavam que os Tukano ajudassem os Nukak em seu processo de transição. Com base em entrevistas com pessoas Tukano e não indígenas que estiveram presentes no encontro, Jackson explica a reação tukano como decorrente de sua percepção de uma hierarquia social na qual os não indígenas superaram os Tukano que, por sua vez, superaram os povos “Maku”, habitantes da floresta. Como povos nômades não contatados anteriormente, os Nukak representam o extremo negativo mais distante para os Tukano, embora sua recepção positiva por representantes não indígenas tenha parecido inverter as posições dos Tukano-Nukak, tornando os Nukak um bode expiatório para as inseguranças tukano. A discussão lança luz sobre os “dilemas dolorosos” e sobre as confusões “angustiantes” dos Tukano (Jackson 1991, p. 27) sobre sua identidade como povo indígena no Uaupés dos anos 1980.

Um caso semelhante foi o esforço, iniciado por um agente não indígena do governo colombiano em 1983, para estabelecer uma “escola de xamãs” na qual especialistas mais velhos em rituais tukano pudessem passar seus conhecimentos para os mais jovens (Jackson 1995b). Mais uma vez, essa iniciativa fracassou, o que Jackson analisa por meio de entrevistas com professores que encontrou em Mitú vários anos depois. As reflexões dos professores sobre o que deu errado destacam as tensões entre abordagens tradicionais e abordagens “novas” ou de orientação ocidental para o conhecimento cultural e sua transmissão – incluindo a localização da escola em uma cidade missionária, longe dos contextos tradicionais associados ao conhecimento e à prática xamânicas, o que impedia a adesão a uma dieta especial, usando ayahuasca e coca etc., e questões de pagamento monetário. A discussão ressalta a importância de entender tais práticas como xamanismo em termos de um “sistema integrado” dentro de uma estrutura cultural mais ampla.

Como Jackson conclui, “ambos os casos, o surgimento dos Nukak e o da escola de xamãs, ilustram o modo como se dão os entendimentos e mal-entendidos nas

mentes de forasteiros dominantes, o modo como se tende a classificar através de graus de autenticidade e indigeneidade, e a falha em levar em conta divisões internas, oposições, hierarquias e antagonismos. Todos esses fatores afetam as pessoas sujeitas a tais estereótipos e imaginários, às vezes de maneiras cruciais” (Jackson 2019, p. 126).

Contribuições

As contribuições da pesquisa de Jackson foram multifacetadas. Seus primeiros trabalhos sobre a sociedade multilíngue tukano, estruturada pela prática da exogamia linguística, representam uma fonte de entendimentos fundamentais sobre a relação entre identidade, pertencimento social e sua ligação com a linguagem nessa parte do mundo. Sua monografia *The Fish People* (1983a), juntamente com vários artigos sobre o tema representam um passo fundamental para uma revisão de nossa compreensão de como as sociedades multilíngues podem ser estruturadas. Por exemplo, seu artigo “Language identity of the Colombian Vaupés Indians” (Jackson 1974) explora criticamente o conceito de “comunidade de fala”, que na época se referia principalmente a um grupo de pessoas que falam a mesma língua ou dialeto. O Uaupés, no entanto, exige que se repense radicalmente essa formulação. Como ela expressa em seu livro de 2019, “grupos linguísticos podem ser entendidos como diferentes seções de uma orquestra sinfônica, cujos músicos produzem em conjunto uma performance coerente e harmoniosa usando diferentes instrumentos e diferentes versões de uma única partitura” (Jackson 2019, p. 66).

Essas observações forneceram uma base duradoura para estudos do multilinguismo em pequena escala. Permitiram explorar dinâmicas sociais e culturais de sociedades nas quais o multilinguismo é normal e cotidiano, e em que as relações entre as línguas não são hierárquicas e nem necessariamente determinadas por desigualdades sociais. Como a própria Jackson observa: “Eu certamente diria que o multilinguismo é a norma em todo o mundo... A grande maioria das pessoas fala mais de uma língua” (Entrevista, 17 de fevereiro de 2022). De fato, a ideia de que o multilinguismo em pequena escala pode de fato ter sido o caso padrão ao longo de grande parte da história humana vem ganhando terreno nos últimos anos (ver, por exemplo, Evans 2017; Lüpke 2016), e é provável que, na verdade, as dinâmicas do multilinguismo vistas no Uaupés, nas terras baixas da América do Sul ou em regiões mais distantes não sejam particularmente exóticas (Epps 2020).

O trabalho de Jackson também aborda questões metodológicas relacionadas à prática etnográfica. Na década de 1970 surgiu um novo interesse dos antropólogos por métodos etnográficos. Passaram a ser questões relevantes o modo como as metodologias etnográficas variam de indivíduo para indivíduo, como as

experiências subjetivas, e como os posicionamentos pessoais dos antropólogos podem moldar os resultados de suas pesquisas. Estas questões levaram Jackson a escrever dois artigos sobre notas de campo, em resposta a um convite para participar de um simpósio American Anthropological Association (AAA) sobre o tema. Como ela lembra, “eles achavam que eu seria uma espécie de pesquisadora de campo clássica, mateira... E eu disse: ‘Eu não quero falar sobre meu trabalho de campo; vou entrevistar um bando de antropólogos sobre o trabalho de campo deles’”. Os artigos resultantes, ambos publicados no mesmo ano “‘I am a fieldnote’: Fieldnotes as a symbol of professional identity” (Jackson 1990a), e “‘Déjà entendu’: The liminal quality of anthropological fieldnotes” (Jackson 1990b) basearam-se nessas extensas entrevistas para explorar como os antropólogos abordavam o processo de tomar notas de campo; seus pontos de vista sobre a confidencialidade das notas e se elas podem ou não ser compartilhadas; suas atitudes em relação à qualidade e à utilidade de suas notas; o papel da memória pessoal e a falta geral de qualquer metodologia padrão. Como Jackson observa em ‘I am a fieldnote’ (Jackson 1990b, p. 33), “se ‘o campo’ é a versão da antropologia tanto da terra prometida quanto de uma provação pelo fogo, então as notas de campo simbolizam o que a ida para o campo e o retorno significam para nós: o apego, a identificação, a incerteza, a mística e, talvez, acima de tudo, a ambivalência”.

A contínua reflexão de Jackson sobre a indigeneidade colombiana em face da rápida mudança cultural representa outro conjunto significativo de contribuições suas (ver Jackson 2005, 2009, 2019, entre outros). O foco principal desta vertente de seu trabalho relaciona-se ao desafio de definir e descrever “indigeneidade” e “cultura” de forma mais geral, particularmente no contexto de mudança. Assim como a cultura, a própria indigeneidade é fluida e maleável – mas essa fluidez nem sempre é bem recebida por antropólogos e outros observadores. Em seu estudo de 1989 sobre o CRIVA e os processos de formação de novas identidades indígenas (‘Is there a way to talk about culture without making enemies?’), Jackson investiga “a dificuldade encontrada em nossas tentativas para descrever, de maneira não ofensiva, como um determinado grupo de pessoas inventa, cria, empacota e, às vezes, vende sua cultura”. De fato, o “termo *cultura*, por causa de alguns dos pressupostos subjacentes a seus significados convencionais, é tudo menos uma categoria útil quando tentamos descrever como as pessoas com uma consciência indígena de si mesmas modificam sua cultura como parte de suas estratégias interétnicas... Antropólogos ou ativistas muitas vezes acham acadêmica ou politicamente conveniente usar a *cultura* para descrever continuidades entre o passado e o presente, em casos que justificam uma análise mais sofisticada, porque tais continuidades podem de fato existir apenas superficialmente, sendo os significados subjacentes radicalmente diferentes” (Jackson 1989, p. 127). Da mesma forma, seu artigo “Culture, genuine and spurious: The politics of Indianness in the Vaupés, Colombia” explora

“como os Tukano se mobilizaram em torno das noções de recaptura e preservação da cultura enquanto trabalhavam para recuperar a terra, manter a língua, e proteger os sistemas tradicionais de cura... Os Tukano estão envolvidos em um processo em que contestam e negociam quais formas culturais eles desejam reter, modificar ou descartar” (Jackson 1995a, p. 6).

Como explora em sua monografia de 2019 e reflete sobre em uma entrevista, “a indigeneidade pode ser discutida apenas em termos muito abstratos, porque a forma como ela se manifesta concretamente varia muito em termos de geografia, em termos de história local e história nacional, história internacional, em termos de direito internacional e assim por diante” (Jackson 2019, p. 96). Da mesma forma, a própria “cultura” “pertence a uma comunidade; uma comunidade é feita de indivíduos e grupos, e eles nunca concordam sobre tudo... E então você leva em consideração a mudança ao longo do tempo... As pessoas têm, parece-me, sentimentos muito complicados sobre suas tradições, e eles discordam entre si” (Entrevista, 17 de fevereiro de 2022). A cultura, conclui Jackson, é mais bem compreendida por meio da analogia do repertório de um músico de jazz (1995a, 2019): ela se manifesta através da interação entre tradição e improvisação de acordo com o momento, o cenário e as pessoas envolvidas. Em última análise, a decisão de como executar esse repertório cabe às próprias pessoas. Como observa Jackson, “no Uaupés, os antropólogos... sempre tiveram opiniões sobre o que é bom e ruim nas formas culturais tradicionais tukano, em comparação com os valores e os comportamentos introduzidos a partir da sociedade colombiana dominante... Mas, no final das contas, os povos indígenas têm o direito de escolher formas culturais não saudáveis, não belas, não ‘autênticas’. Se o objetivo é analisar tais escolhas em vez de julgá-las, é necessária uma terminologia objetiva e neutra” (2019, p. 96).

Junto com essas perspectivas sobre a cultura e as mudanças entre os grupos indígenas colombianos, o trabalho de Jackson também contribuiu significativamente para nossa compreensão sobre os movimentos indígenas e sobre a organização política na Colômbia e na América Latina em geral, contribuições estas a partir dos trabalhos: Jackson e Warren (2005) ‘Indigenous movements in Latin America, 1992-2004: Controversies, ironies, new directions’ (*Reviews in Anthropology*) e no volume co-organizado de 2002 (Warren e Jackson [orgs.] 2002). O livro de Jackson de 2019 (particularmente o Capítulo 4) explora esses temas retrospectivamente e prospectivamente, com base em suas décadas de trabalho com ativistas indígenas no Uaupés, em Bogotá e além.

Em última análise, ao longo das várias vertentes de sua pesquisa, o trabalho de Jackson contribui com reflexões importantes sobre a fluidez da cultura e da identidade, e com a relevância dessas considerações para questões de saúde, bem-estar e justiça para povos indígenas em muitos contextos diferentes como uma comunidade tradicional tukano, moradores de malocas, ativistas dos direitos indígenas, e até mesmo pessoas em um centro de tratamento da dor crônica.

Gênero

A relevância da temática de gênero perpassa todo o trabalho de Jackson. Em sua pesquisa etnográfica inicial sobre estrutura social Bará e a exogamia linguística, o gênero era uma variável social particularmente evidente. Era com as mulheres casadas da comunidade que Jackson passava grande parte de seu tempo. Elas não eram de fato Bará e não viam o bará como sua “língua paterna” como todos os Bará a consideravam, embora a maioria dessas mulheres fosse bastante fluente nessa língua. Como ela observa em seu artigo “Coping with the dilemmas of affinity and female sexuality”:

a sociedade Tukano e outras semelhantes a ela na Amazônia colocam a distinção social mais básica entre homens e mulheres (ver Crocker 1979, p. 295) – uma distinção que se reflete no ritual e na cosmologia. A distinção é subjacente ao modelo básico de constituição da sociedade. As relações homem-mulher, alternativamente complementares e hostis, são representadas simbolicamente em termos de domínio de um gênero sobre o outro. (Jackson 1996, p. 95, tradução dos autores)

No entanto, como Jackson descobriu, as relações entre homens e mulheres na sociedade bará eram complexas e, em muitos aspectos, diferentes daquelas que ela conhecia em sua própria sociedade. Conforme escreve em seu artigo “On trying to be an Amazon”: “uma das lições do trabalho de campo foi a experiência real, e não literária, de uma cultura na qual as mulheres não se sentiam tão inferiores quanto eu me sentia (embora esse sentimento em grande parte fosse inconsciente). Percebi isso sobre as mulheres tukano ao mesmo tempo em que compreendi que, em muitos aspectos, a sociedade tukano era dominada por homens, onde homens e mulheres expressavam abertamente o antagonismo sexual” (Jackson 1986, p. 267). Seu artigo “Gender relations in the northwest Amazon” baseia-se nessas observações, argumentando que, enquanto a dominação masculina é fortemente referenciada na expressão simbólica tukano, na prática as mulheres tukano são de fato capazes de afirmar considerável independência e poder, e que, de fato, “a estrutura social Tukano bloqueia os esforços dos homens para traduzir o domínio simbólico em ação” (Jackson 1988, p. 33).

Uma parte significativa do trabalho de Jackson sobre gênero orienta-se para a reflexão metodológica. Como ela observa, o trabalho antropológico anterior na região tendia a enfatizá-la como fortemente dominada por homens e até voltada para a subordinação política das mulheres. No entanto, ao mesmo tempo, as interpretações dos papéis de gênero no Uaupés variavam consideravelmente entre os etnógrafos. Jackson aponta que grande parte dessa diferença pode ser atribuída a diferentes percepções pessoais dos etnógrafos, eles próprios influenciados por seu gênero e por experiências sociais associadas. Como ela observa, é importante “reconhecer que os indivíduos muitas vezes desconhecem

estruturas e dinâmicas significativas em sua própria sociedade e, sob determinadas condições, optam por ignorar e distorcer outras. O pesquisador deve estar ciente do fato de que tanto homens quanto mulheres em uma determinada sociedade tendem a dar às pessoas de fora uma perspectiva masculina. Como é frequentemente o caso, os perigos de um retrato excessivamente superficial das mulheres em uma determinada sociedade aumentam quando o pesquisador é homem, fala sobre mulheres apenas com homens e não tem consciência de suas próprias suposições etnocêntricas sobre diferenças sexuais” (1988, p. 18; ver também seu artigo sobre o tema [1983b]).

A própria experiência de Jackson como pesquisadora, uma das primeiras a trabalhar na região, foi fundamental para que ela reconhecesse a relevância do ponto de vista da própria etnógrafa. Inicialmente em seu trabalho de campo, ela lembra: “Eu não pensava muito em ser mulher, exceto porque eu só queria ter mais tempo com os homens. Então eu me sentava com eles nas reuniões noturnas, durante as quais as mulheres ficavam reunidas nos fundos e os homens na frente, e eles riam disso e diziam: “Oh, filha do irmão mais novo, sim, venha nos ouvir”. Mas eu não estava recebendo nenhuma grande informação; eu estava apenas me rebelando contra essa segregação sexual que era tão evidente” (Entrevista, 17 de fevereiro de 2022). Mas à medida que seu trabalho progredia, Jackson descobria que passar mais tempo com as mulheres da comunidade lhe fornecia percepções sobre aspectos da estrutura social que necessariamente seriam muito menos visíveis para os pesquisadores do sexo masculino. Como ela reflete, “se você quer estudar em uma instituição, não vá para o centro; vá para a periferia, onde ela não está funcionando... No Uaupés, são as mulheres casadas que introduzem a heterogeneidade em cada maloca, em termos de pertencimento e em termos do que as pessoas estão falando. Eu passava meu tempo com mulheres não Bará; nenhuma das mulheres casadas era Bará. [Entretanto] as pessoas estavam me ensinando a falar [Bará]. Eu vi algumas coisas engraçadas que, se você é um homem aprendendo Bará com outros homens, simplesmente não aparecem. E o mesmo vale para outros tipos de comportamento” (Entrevista, 17 de fevereiro de 2022).

As observações de Jackson sobre gênero na etnografia foram inovadoras. No início dos anos 1970, o tema era muito pouco abordado. Ela observa que o livro *Self, Sex and Gender in Cross-cultural Fieldwork*, em que seu artigo de 1986 foi publicado, foi um dos primeiros a examinar essas questões, juntamente com o tópico mais amplo de escrever sobre a identidade do pesquisador de campo. A própria Jackson ministrou cursos sobre gênero a partir de 1972, quando chegou ao MIT. Ministrou um curso originalmente intitulado “Papéis Sexuais”, antes mesmo de o termo “gênero” ser estabelecido. Como ela enfatiza, a literatura sobre gênero ressalta o ponto levantado em seus primeiros escritos:

existem vastas áreas em muitas sociedades onde os homens simplesmente não podem penetrar... com certeza nascimento e reprodução; o conhecimento das mulheres pode não ser um tabu para os homens, mas, como sabemos em nossas próprias sociedades, as mulheres sabem coisas que os homens não sabem e os homens sabem coisas que as mulheres não sabem... É realmente muito importante ser mulher em ambientes de trabalho de campo onde não tem havido muitas pesquisadoras. (Entrevista, 17 de fevereiro de 2022)

Sua atenção crítica ao gênero continuou em seus trabalhos posteriores, particularmente envolvendo sua interseção com questões de desigualdade. “Quando comecei a expandir e estudar a organização dos direitos indígenas, francamente vi muita coisa que me chateou. Parecia que a liderança era predominantemente masculina, o que era em geral a política na Colômbia, com algumas exceções interessantes. Se você era de uma das famílias mais importantes e era mulher, sua conexão familiar permitia que você se tornasse uma política, em parte porque você tinha empregadas domésticas em casa cuidando dos filhos, e assim você podia sair e ter um emprego ou ter um cargo no governo e assim por diante”. No entanto, ela descobriu que escrever sobre essas observações era muito difícil. Como alguém que não era membro da sociedade colombiana ou indígena, ela sentia que, ao fazer qualquer crítica, assumia uma posição de autoridade que ela não podia justificar. Como ela observa, há frequentemente uma “tensão entre uma agenda feminista e uma agenda que promove as tradições indígenas. Ela simplesmente aparece repetidas vezes, no México, na Guatemala, repetidas vezes. É muito complicado” (Entrevista, 17 de fevereiro de 2022).

Conclusão

A longa carreira de Jean Jackson estabeleceu uma base duradoura e multifacetada para novas trajetórias e abordagens de pesquisa. Seu trabalho pioneiro na etnografia amazônica inspirou uma geração de pesquisadores, cuja atenção às questões de gênero, multilinguismo e mudança cultural toma como referência as contribuições de Jackson, tanto nas planícies da América do Sul quanto além. Como uma das primeiras mulheres a realizar trabalho de campo etnográfico na bacia amazônica, as perspectivas críticas de Jackson ajudaram a constituir nossa compreensão de como o gênero se cruza e informa a prática, a análise e a interpretação etnográficas. Da mesma forma, sua exploração do tecido multilíngue da estrutura social do Uaupés tornou-se um ponto de referência clássico para pesquisas sobre o multilinguismo de pequena escala em todo o mundo, alimentando um crescente reconhecimento de que a coexistência estável e de longo prazo de várias línguas pode ser um aspecto humano comum, característica da condição social humana. O trabalho de Jackson sobre os movimentos indígenas na Colômbia e na América Latina, de modo mais abrangente, levou a *insights* importantes sobre questões de multiculturalismo, neoliberalismo

e indigeneidade, e sobre por que iniciativas específicas associadas a essas estruturas podem ter sucesso ou fracassar. Em todas essas áreas, e também por meio de seu trabalho com pacientes com dor crônica, a pesquisa de Jackson ilumina questões de identidade, estigma e desigualdade social. Em última análise, a carreira de Jackson representa uma contribuição pioneira para a promoção do bem-estar e da justiça para os povos da América Latina e do mundo. *

* Manuscrit reçu en octobre 2022, accepté pour publication en mars 2023.

Agradecemos – Agradecemos a Jean Jackson pelas conversas interessantes sobre seu trabalho no contexto das entrevistas nas quais este capítulo se baseia. Estas entrevistas (em inglês) se encontram no Acervo das Línguas Indígenas das Américas (AILLA; <https://ailla.utexas.org/islandora/object/ailla:286561>, consultado em 15/06/2023). Também somos gratos aos editores deste volume pelo convite para participar. As traduções em português que se encontram aqui das falas da Jackson nas entrevistas, tal como o material citado dos artigos dela, são nossas.

Referências

EPPS Patience

2020 “Amazonian linguistic diversity and its sociocultural correlates”, in Mily Crevels e Pieter Muysken (orgs.), *Language Dispersal, Diversification, and Contact. A Global Perspective*, Oxford University Press, Oxford, p. 275-290.

EVANS Nicholas

2017 “Did language evolve in multilingual settings?”, *Biology & Philosophy*, 32 (6), p. 905-933.

JACKSON Jean E.

1966 *An Anthropological Study of Pinta, A Treponemal Disease of Tropical Zones of the Western Hemisphere*, dissertação de mestrado, Antropologia, Stanford University, Palo Alto.

1972 *Marriage and linguistic identity among the Bará Indians of the Vaupés, Colombia*, tese de doutorado, Antropologia, Stanford University, Palo Alto.

1974 “Language identity of the Colombian Vaupés Indians”, in Richard Bauman e Joel Sherzer (orgs.), *Explorations in the Ethnography of Speaking*, Cambridge University Press, New York, p. 50-64.

1975 “Recent ethnography of indigenous northern lowland South America”, *Annual Review of Anthropology*, 4, p. 307-340.

1983a *The Fish People. Linguistic Exogamy and Tukanan Identity in Northwest Amazonia*, Cambridge University Press, Cambridge.

1983b “‘Traditional’ ethnic boundaries in the Central Northwest Amazon”, in Kenneth Kensinger (org.), *Borders and Peripheries in Lowland South America*, Bennington College (Working Papers on South American Indians, 4), Bennington, p. 21-28.

JACKSON Jean E.

- 1984 “Traducciones competitivas del Evangelio en el Vaupés, Colombia”, *América Indígena*, 44 (1), p. 49-94.
- 1986 “On trying to be an Amazon”, in Tony Whitehead e Mary Ellen Conaway (orgs.), *Self, Sex and Gender in Cross-cultural Fieldwork*, University of Illinois Press, Urbana, p. 263-274.
- 1988 “Gender relations in the Northwest Amazon”, *Antropológica*, 70, p. 17-38.
- 1989 “Is there a way to talk about making culture without making enemies?”, *Dialectical Anthropology*, 14 (2), p. 127-144. Republicado em Fernando Santos Granero (org.), *Globalización y cambio en la Amazonía indígena*, Flacso/Ediciones Abya-Yala (Biblioteca Abya-Yala, 37), Quito (Ecuador), 1996, p. 439-472.
- 1990a “‘I am a fieldnote’: Fieldnotes as a symbol of professional identity”, in Roger Sanjek (org.), *Fieldnotes. The Makings of Anthropology*, Cornell University Press, Ithaca, p. 3-33.
- 1990b “‘Déjà entendu’: The liminal qualities of anthropological fieldnotes”, *Journal of Contemporary Ethnography*, 13 (1), p. 8-43. Republicado em John Van Maanen (org.), *Representation in Ethnography*, Sage, London, 1995, p. 36-78.
- 1991 “Hostile encounters between Nukak and Tukanoans and changing ethnic identity in the Vaupés, Colombia”, *The Journal of Ethnic Studies*, 19 (2), p. 17-39.
- 1995a “Culture, genuine and spurious: The politics of Indianness in the Vaupés, Colombia”, *American Ethnologist*, 22 (1), p. 3-27.
- 1995b “Preserving Indian culture: Shaman schools and ethno-education in the Vaupés, Colombia”, *Cultural Anthropology*, 10 (3), p. 302-329.
- 1996 “Coping with the dilemmas of affinity and female sexuality: Male rebirth in the Central Northwest Amazon”, in Warren Shapiro e Uli Linke (orgs.), *Denying Biology. Essays on Pseudo-Procreation*, University Press of America, Lanham (MD), p. 89-128.
- 2000 “*Camp Pain*”: *Talking with Chronic Pain Patients*, University of Pennsylvania Press, Philadelphia.
- 2005 “Indigenous peoples and indigenous movements in Latin America and the world”, *Reviews in Anthropology*, 34 (2), p. 157-176.
- 2009 “Neoliberal multiculturalism and indigenous movements”, *Latin American Research Review*, 44 (3), p. 200-211.
- 2011 “Pain and bodies”, in Frances E. Mascia-Lees (org.), *A Companion to the Anthropology of the Body and Embodiment*, John Wiley & Sons, Hoboken (NJ), Chapter 21, p. 370-387.
- 2019 *Managing Multiculturalism. Indigeneity and the Struggle for Rights in Colombia*, Stanford University Press, Stanford; tradução espanhola: *Gestionando el multiculturalismo. Indigenidad y lucha por los derechos en Colombia*, Universidad del Rosario, Bogotá, 2020.

JACKSON Jean E. e Kay B. WARREN

- 2005 “Indigenous movements in Latin America, 1992-2004: Controversies, ironies, new directions”, *Reviews in Anthropology*, 34, p. 549-573.

LÜPKE Friederike

2016 “Uncovering small-scale multilingualism”, *Critical Multilingualism Studies*, 4 (2), p. 35-74.

WARREN Kay B. e Jean E. JACKSON (orgs.)

2002 *Indigenous Movements, Self-Representation and the State in Latin America*, University of Texas Press, Austin.

